

CADERNO OPINIÃO

POTENCIAIS IMPACTOS DO BREXIT NOS MERCADOS GLOBAIS DE ENERGIA

autora: Ieda Gomes
julho.2016

SOBRE A FGV ENERGIA

A FGV Energia é o centro de estudos dedicado à área de energia da Fundação Getúlio Vargas, criado com o objetivo de posicionar a FGV como protagonista na pesquisa e discussão sobre política pública em energia no país. O centro busca formular estudos, políticas e diretrizes de energia, e estabelecer parcerias para auxiliar empresas e governo nas tomadas de decisão.

DIRETOR

Carlos Otavio de Vasconcellos Quintella

COORDENAÇÃO DE RELAÇÃO INSTITUCIONAL

Luiz Roberto Bezerra

COORDENAÇÃO OPERACIONAL

Simone C. Lecques de Magalhães

COORDENAÇÃO DE PESQUISA, ENSINO E P&D

Felipe Gonçalves

PESQUISADORES

Bruno Moreno Rodrigo de Freitas
Larissa de Oliveira Resende
Mariana Weiss de Abreu
Renata Hamilton de Ruiz
Tatiana de Fátima Bruce da Silva
Vinícius Neves Motta

CONSULTORES ASSOCIADOS

Ieda Gomes - Gás
Nelson Narciso - Petróleo e Gás
Paulo César Fernandes da Cunha - Setor Elétrico

ESTAGIÁRIAS

Júlia Febraro F. G. da Silva
Raquel Dias de Oliveira



OPINIÃO

POTENCIAIS IMPACTOS DO BREXIT NOS MERCADOS GLOBAIS DE ENERGIA

Ieda Gomes,

Consultora FGV

INTRODUÇÃO

Em 23 de junho de 2016 os eleitores no Reino Unido votaram majoritariamente em um referendo para deixar a União Europeia (UE), o chamado BREXIT - que é uma contração das palavras *Britain Exit*. O impacto do BREXIT foi sentido nos principais partidos, com a renúncia do Primeiro Ministro, David Cameron, do líder do Partido UKIP, Nigel Farage e uma nova convenção do Labour Party para escolha de um novo líder.

A formalização do BREXIT junto à UE é uma prerrogativa do Reino Unido, que deve formalmente invocar o Artigo

50 do Tratado de Lisboa, que estabelece as condições para um país-membro deixar voluntariamente a CE.

O artigo 50 estabelece que "Qualquer Estado-Membro pode decidir retirar-se da União, em conformidade com as respectivas normas constitucionais." Ele especifica que o país que queira sair da União deve notificar o Conselho Europeu da sua intenção, negociar um acordo sobre a sua retirada e estabelecer bases legais para um relacionamento futuro com a UE.

O Tratado contém uma disposição estabelecendo o prazo de dois anos a partir da data da notificação do artigo 50 para conclusão desses novos acordos. A extensão desse prazo depende do voto unânime dos demais membros da UE. A Primeira Ministra britânica, Theresa May, já deixou claro que não pretende invocar o Artigo 50 antes do final de 2016.

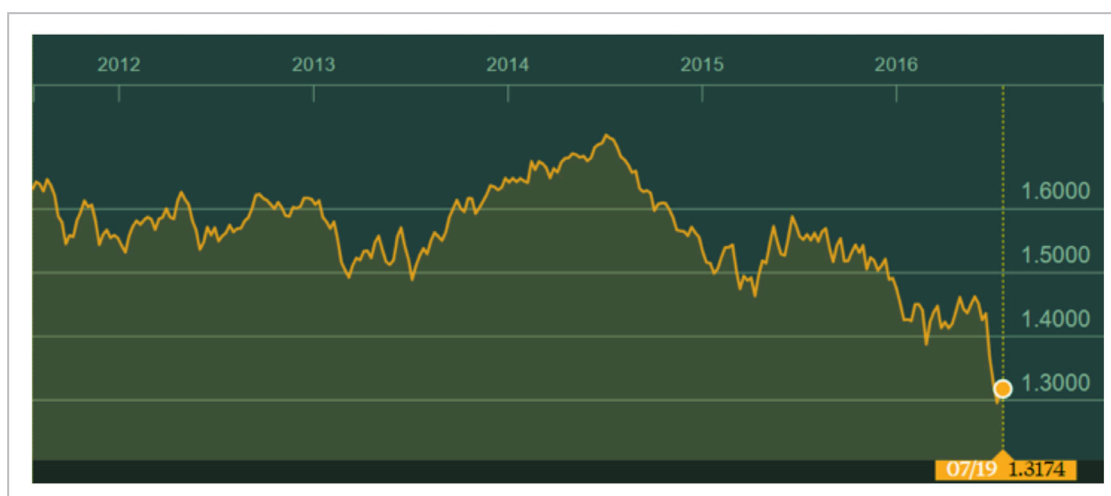
Tendo em vista as relações e compromissos assumidos pelo Reino Unido ao longo de 40 anos de participação na UE, este artigo propõe-se a analisar o potencial impacto do BREXIT no setor energético, em particular no mercado mundial de petróleo e gás natural.

AS CONSEQUÊNCIAS IMEDIATAS

Com o resultado do referendo em favor de BREXIT, o primeiro impacto visível foi a desvalorização da libra esterlina vis-à-vis o dólar norte americano. Desde o voto, a libra caiu cerca de 11% contra uma cesta de moedas internacionais. A libra caiu aos níveis mais baixos dos últimos dez anos, gravitando em torno de £ 1,31-1,36/

USD contra cotações em torno de £ 1,38-1,45/USD antes da votação do referendo (Figura 1). A libra também caiu em comparação com o Euro, estando cotada a £ 1,19 em 19 de julho de 2016, porém a níveis similares aos vigentes no período 2013-2014, o que mostra as incertezas relativas à zona do Euro.

Figura 1: Série Histórica GBP vs USD 2011-2016



Fonte: <http://www.bloomberg.com/quote/GBPUSD:CUR>

A queda da libra reflete as atuais incertezas quanto ao papel do Reino Unido fora da UE e quanto à demanda futura por produtos e serviços oriundos do país. No curto e médio prazo, a fraqueza da libra deverá causar pressões inflacionárias por encarecer os produtos importados pela Inglaterra, aí incluídos bebidas, alimentos, têxteis, automóveis e materiais elétricos.

O déficit da balança comercial foi de £ 2,3 bilhões em maio de 2016, contra £4 bilhões em janeiro do mesmo ano¹. O déficit com a UE no período fevereiro a abril de 2016 elevou-se a £23.8bn. Tendo em vista que as importações são denominadas em Euro ou em dólar,

a desvalorização da libra poderá elevar os custos das importações em mais de 10% se a tendência de baixa persistir. As declarações do Presidente do Banco Central Europeu de baixar juros e aumentar a liquidez sinaliza para uma fraqueza da moeda no curto prazo.

Por outro lado, os economistas Roger Bootle e Jonathan Loynes² argumentam que a queda da libra poderá sinalizar para um aumento das exportações do Reino Unido, uma vez que, antes do BREXIT a libra encontrava-se em um patamar muito elevado, contribuindo para reduzir a competitividade dos produtos britânicos e para um elevado déficit no comércio internacional.

¹ <http://www.tradingeconomics.com/united-kingdom/balance-of-trade>

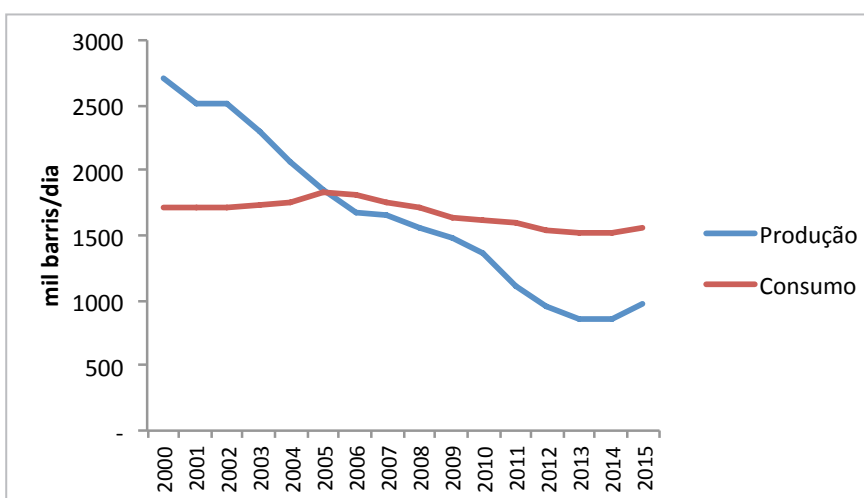
² <https://www.poundsterlinglive.com/gbp-live-today/5184-the-pound-s-post-brex-it-fall-has-been-described-as-a-goldilocks-depreciation-according-to-economist-jonathan-loynes-of-capital-economics>

IMPACTOS NO SETOR DE PETRÓLEO E GÁS NATURAL

O Reino Unido é importador líquido de petróleo e de gás natural desde os anos 2003-2004 (Figura 2 e Figura 3) e também importa quantidades crescentes de derivados de petróleo. Em 2014 o país importou 29 milhões de toneladas de derivados, contra 14 milhões no ano 2000, embora continue a ser um exportador líquido de gasolina e óleo combustível.³

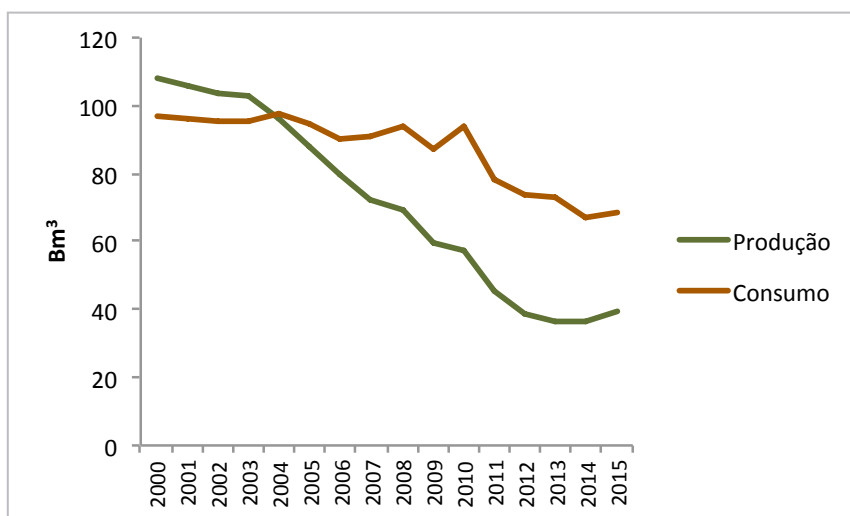
O Reino Unido importa gás natural do continente europeu, em particular da Rússia, Noruega e Holanda, e mais recentemente vem importando GNL dos mercados mundiais, através de três terminais de regaseificação. As importações são denominadas em dólar e em Euros, tornando a cesta energética mais cara para o consumidor inglês, mas por outro lado ampliando a competitividade das exportações de bens e serviços ligados à indústria de petróleo, que beiram US\$ 40 bilhões.

Figura 2: Produção e Consumo de Petróleo no Reino Unido



Fonte: BP Statistical Review of World Energy - 2016

Figura 3: Produção e Consumo de Gás Natural no Reino Unido



Fonte: BP Statistical Review of World Energy - 2016

³ <https://www.gov.uk/government/statistical-data-sets/crude-oil-and-petroleum-products-imports-by-product-1920-to-2011>

O Reino Unido, em particular Londres, desempenha um papel chave no trading de energia global. O preço de petróleo Brent (Mar do Norte) é um dos principais benchmarks para precificação nos mercados internacionais, e o ponto nodal NBP (National Balance Point) é um ponto focal para comércio de gás nos mercados europeus.

Em um primeiro momento, logo após o referendo, houve uma queda nos preços de commodities energéticas comercializadas globalmente como o petróleo e o carvão, devido tanto à valorização do USD como ainda pela preocupação quanto ao impacto do BREXIT no crescimento da economia mundial – o relatório do Fundo Monetário Internacional publicado em 19 de julho cortou em 0,1% suas previsões anteriores publicadas em abril de 2016. A nova previsão é de um crescimento global de 3,1% em 2016 e de 3,4% em 2017.

Os preços dessas commodities já se recuperou desde junho, em antecipação às autoridades monetárias estarem provendo mais liquidez ao mercado.

A saída do Reino Unido da UE terá implicações em diversos aspectos do mercado comum e ainda sobre os alcances das diversas diretivas e regulamentos emanados da UE. Ainda é bastante prematuro tecer conclusões porque não se sabe se o Reino Unido vai fazer parte futuramente da Área Econômica Européia, à semelhança da Noruega, ou se entrará em uma União Alfandegária, à semelhança da Turquia, ou ainda se integrará um Tratado de Livre Comércio, como no caso proposto pelo Canadá.

Algumas áreas de provável impacto estão listadas a seguir:

- Acesso a financiamentos do Banco Europeu de Investimentos para projetos de Energia no Reino Unido poderá ser dificultado ou ser mais caro.

- Posição do Reino Unido vis-à-vis o compromisso com a UE em aumentar a participação de energias renováveis para 15% em 2020.
- Necessidade de estabelecer novos tratados internacionais para construção de novos interconectores para transporte de gás e eletricidade.
- Acesso do Reino Unido aos estoques de gás natural no continente europeu, tendo em vista a baixa capacidade de estocagem existente no país.
- Potencial imposição de tarifas aduaneiras sobre gás e eletricidade exportados da Europa para o Reino Unido poderá tornar a importação de GNL mais atraente.

O Reino Unido possui uma das economias mais liberais no campo da energia e deverá continuar a cooperar com a União Européia nos esforços de tornar os mercados mais competitivos e abertos.

De todo modo, os impactos do BREXIT no setor de energia serão sentidos sobretudo nas relações com os países europeus e com a Rússia, que continuará a ser o maior exportador de gás natural para a Europa.

Um efeito colateral da desvalorização da libra foi a valorização das ações de empresas petrolíferas cujo balcão principal é a Bolsa de Londres. Essas empresas já vinham se beneficiando da subida recente dos preços do petróleo, que chegou a atingir US\$ 50/barril em junho de 2016. Como essas empresas têm a maior parte das receitas em USD enquanto que as despesas são em moeda local, o BREXIT contribuiu para a valorização da BP (**BP**) e Shell (**RSDB**), em comparação com a francesa Total (**TOT**) e a norte-americana Chevron-Texaco (**CVX**).



Ieda Gomes. Mestre em Energia pela USP e Engenharia Ambiental pela Ecole Polytechnique Federale de Lausanne, Engenheira Química pela UFBA. É membro do Conselho da Câmara de Comércio Brasil-Grã-Bretanha em Londres, diretora na Divisão de Energia do Departamento de Infraestrutura da Federação da Indústria do Estado de S. Paulo e membro do Board da Bureau Veritas (França) e da InterEnergy Holdings (IEH).

FGV ENERGIA

fgv.br/energia

